



Ideologias do Mar



Confrontos
— Narrativas



24 fevereiro
— 5 maio

A percepção do passado é por natureza inconstante, o que vai de encontro à substância efémera do presente. Em processos mais ou menos longos, a leitura da memória vai sendo revisitada, ocorrendo movimentos de reforço, reinterpretção ou renovação, consoante fatores sociais, culturais, políticos e económicos próprios desse processo retrospectivo.

Partindo da natureza abrangente e complexa do cinema e passando por várias expressões artísticas, materiais e documentais, sobrepõem-se e confrontam-se instrumentos de correntes ideológicas da situação e da oposição ao Estado Novo. O visitante é desafiado a refletir sobre visões, crenças, tradições e práticas, de origens e contextos diversos, algumas atuais, outras anacrónicas, outras ainda, simultaneamente e de modo desconcertante, anacrónicas e atuais.

O recurso a objetos de várias tipologias permitiu a polarização dos conceitos essenciais, que dão corpo ao percurso expositivo.

Assim se sintetizam quatro módulos fulcrais: os processos de criação e encenação do discurso oficial do Estado Novo — **a ficção**; a diversidade de registos próximos às realidades laborais ou lúdicas — **o quotidiano**; a concretização das políticas públicas nos setores de atividade marítima — **a construção**; a retrospectiva crítica do discurso oficial — **a desconstrução**. Em cada um destes polos estruturais evidenciaram-se temáticas relevantes ligadas às atividades marítimas, tais como a pesca do bacalhau, as pescas costeiras, a indústria conserveira, as fainas lagunares da Ria de Aveiro, a assistência e previdência das gentes do mar, o turismo marítimo e a vela recreativa.

**Cabanas em junco. Terra Estreita,
Santa Luzia, Tavira**

Benjamim Pereira
1968
Museu Nacional de Etnologia / Arquivo Fotográfico do Centro
de Estudos de Etnologia, ©Museus e Monumentos de Portugal,
E.P.E. / Arquivo de Documentação Fotográfica

**Bateiras. Póvoa de St^o Iria,
Vila Franca de Xira**

Museu Nacional de Etnologia, ©Museus e Monumentos de
Portugal, E.P.E. / Arquivo de Documentação Fotográfica

**Barco transformado em habitação
de pescadores avieiros.
Póvoa de St^o Iria. Vila Franca de Xira**

Benjamim Pereira
1964
Museu Nacional de Etnologia / Arquivo Fotográfico do
Centro de Estudos de Etnologia,
©Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. / Arquivo de
Documentação Fotográfica

Ficção

Nas bases conceptuais do nacionalismo do Estado Novo estava a missão de reencontro da essência orgânica da nação, alegadamente deturpada pelo individualismo dos regimes liberais. De pendor historicista e conservador, o regime encontrava a identidade nacional nos costumes e conceitos ancorados num passado mítico, ao qual era imperativo dar continuidade para se cumprir o destino coletivo. A aposta numa nova linha de propaganda patriótica, agregadora de várias estéticas, incluindo até alguns elementos modernistas, foi lançada por António Ferro, em torno do Secretariado de Propaganda Nacional, que patrocinava artistas convergentes e delimitava os conteúdos a retratar.



Festa do Mar - Cortejo
Gente do mar desfilando com ancinhos.

Fac-símile
1947
PT/BCM-AH/FG/009/10-017
Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, Comissão de Extinção das Instalações do Almirante Tenreiro

Ao lado da representação rural e imperial do país, reforçou-se a imagem de um Portugal marítimo, que tinha como principal referência histórica os Descobrimentos, fenómeno elevado a épico fundador do desígnio português.

Esta vertente encontrou em Henrique Tenreiro um extraordinário mecenas e promotor. A modernização das fainas marítimas deu grande enfoque às pescas industriais e, em especial, à pesca do bacalhau. Visando uma autarcia parcial do consumo alimentar, a renovação da frota bacalhoeira era a que melhor se enquadrava, sobretudo pela sua ligação com as Descobertas, assumindo centralidade a figura do pescador-marineiro da pesca à linha.

O discurso maritimista do Estado Novo difundiu-se também em publicações periódicas, como o *Jornal do Pescador*, e na literatura premiada, em *A Campanha do Argus*, de Alan Villiers, e *Os Grandes Trabalhadores do Mar*, de Jorge Simões, servindo este último como mote para o filme *Heróis do Mar*. Esta imagética heroificava o pescador e a sua família, num arquétipo solene, robusto e teatral. Algumas tradições marítimas locais foram nacionalizadas e criaram-se ranchos folclóricos com indumentária recuperada e revitalizada. Veiculou-se a ideia de que



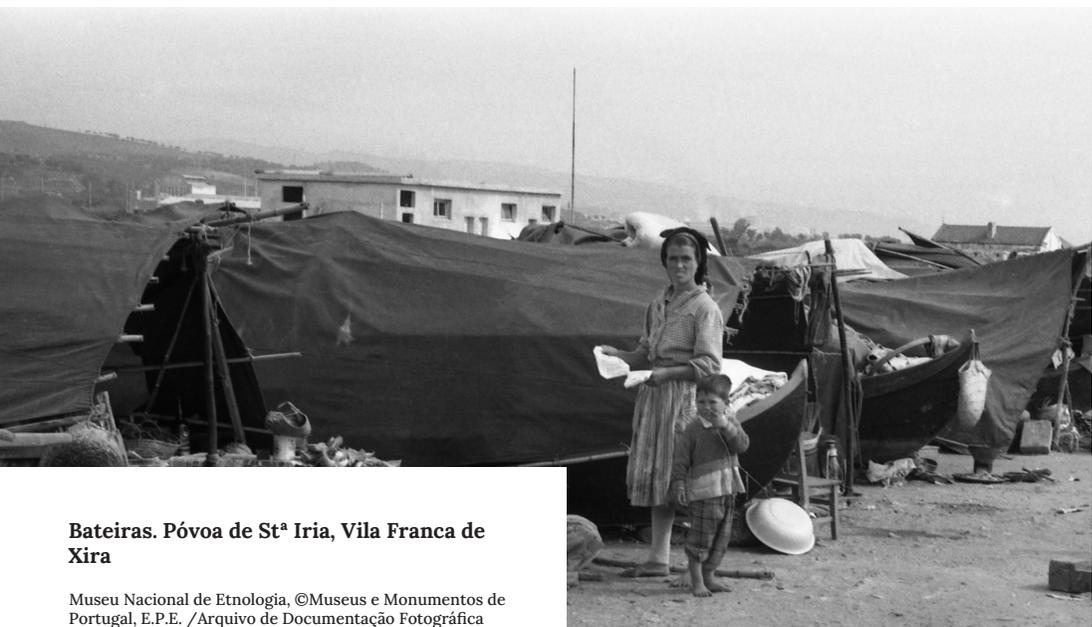
Entrega do Filme
do CAP Allan Villiers

Fac-símile
1951
PT/BCM-AH/FG/009/10-020
Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico,
Comissão de Extinção das Instalações do Almirante Tenreiro

os povos das fainas da pesca foram resgatados da sua condição frágil de outrora, pela dignificação do trabalho, pela execução de políticas de assistência, pela submissão a uma hierarquia rígida e pelo seu enquadramento num figurino institucional corporativo, que ambicionava pacificar os conflitos laborais. Associado aos eixos centrais do Estado Novo, o nacionalismo marítimo esteve presente no processo de regresso à essência nacional, que teve um dos seus apogeus na Exposição do Mundo Português. No entanto, apresentou comemorações e rituais próprios, como as inaugurações dos bairros e das Casas dos Pescadores, as homenagens ao mar e às suas comunidades e as cerimónias dos bota-abaxio, bem como as bênçãos dos bacalhoeiros, onde se aliavam a modernidade, o tradicionalismo folclórico, a propaganda das concretizações e o papel agregador do sistema corporativo.

Quotidiano

A estética do nacionalismo marítimo protagonizada pelo Estado Novo enquadrava-se numa leitura com elevado peso simbólico, o que desembocou em resultados com alto grau cerimonial, muitas vezes distanciados da realidade do dia-a-dia. No entanto, também no seio da sua ideologia se encontram registos artísticos e documentais que pretendem retratar o quotidiano.

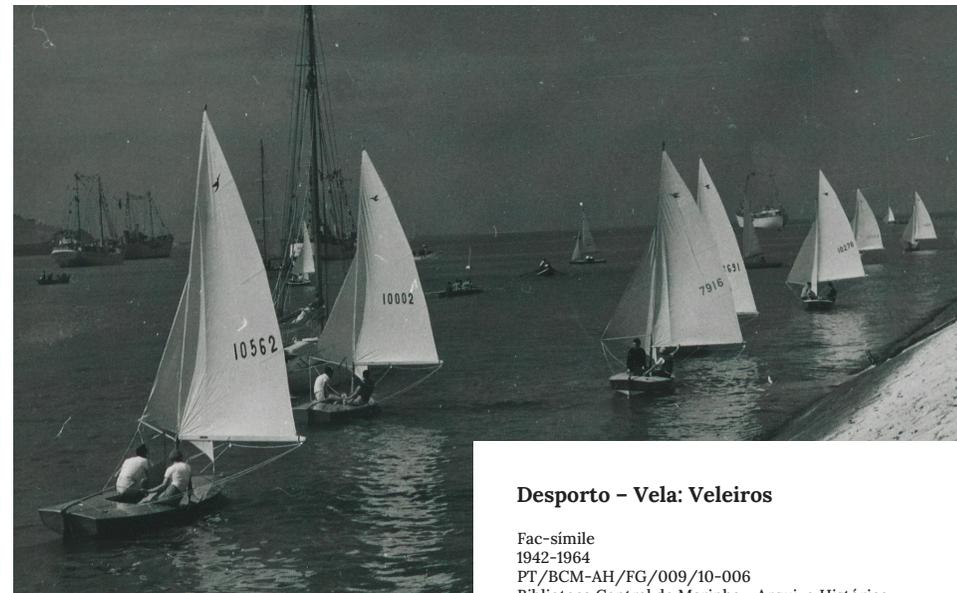


Bateiras. Póvoa de St^a Iria, Vila Franca de Xira

Museu Nacional de Etnologia, ©Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. /Arquivo de Documentação Fotográfica

Das paisagens e das suas gentes sobressaem visões que enfatizam a humildade, a simplicidade e a autenticidade das populações marítimas. Arquétipos que concorriam para um modelo elitista, socialmente rígido e revelador de um grande fosso interclassista, onde se esperava que um filho de

pescador herdasse a sua profissão e onde mandava quem podia e obedecia quem devia. Neste sentido, os marítimos representados seriam considerados como modelos do verdadeiro português, alocados longe das confusões disruptivas da cidade e dedicados em pleno à família e ao trabalho.



Desporto – Vela: Veleiros

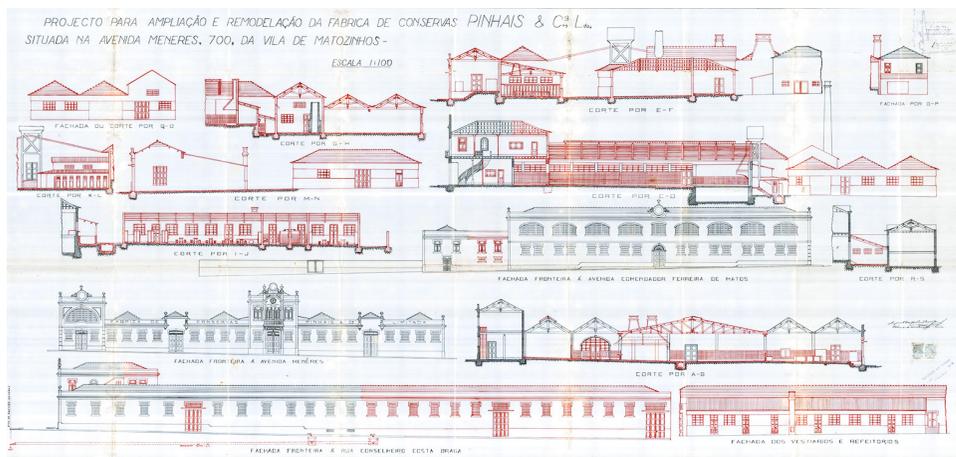
Fac-símile
1942-1964
PT/BCM-AH/FG/009/10-006
Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico,
Comissão de Extinção das Instalações do Almirante Tenreiro

A rica diversidade dos agrupamentos portugueses junto aos rios e ao oceano gerou vários quotidianos distintos, tanto ao nível geográfico, como económico, social e cultural. Uma tradição comum à grande parte destes homens do mar, independentemente da sua condição e ligação com o imenso azul, era a arte de navegar à vela. Este saber foi reconhecido como uma herança dos Descobrimentos e, em consequência, como uma característica inerente do perfil patriótico nacional. Assim, notou-se um esforço para difundir a técnica do velejar, nomeadamente no seu ensino técnico nas escolas de pesca, igualmente por ser um conhecimento útil para a prática da pesca à linha, e na formação de centros de vela junto da Mocidade Portuguesa. Apesar de tudo, a atividade da vela recreativa acabou por se afirmar em grande medida num contexto social mais restrito.

Em divergência e, em certos casos, em plena colisão com a interpretação oficial do quotidiano das atividades marítimas, foram surgindo outras correntes literárias e artísticas, mais ou menos marginalizadas pelos meios do regime, de onde sobressaiu o Neo-realismo. Com outros pressupostos ideológicos, os seus propulsores davam palco às experiências e aos agentes mais esquecidos e oprimidos, destacando as suas vidas precárias, as duras condições de trabalho e os riscos da profissão, que apontava para a urgência da correção das injustiças. Fruto do último processo migratório dos povos costeiros, vindos de Viera de Leiria, os avieiros, que pescavam nas franjas do rio Tejo e vivam com suas famílias nos seus barcos ou em casas sem condições, eram um dos testemunhos dos quotidianos captados neste outro olhar para a realidade.

Construção

Grande parte da propaganda do Estado Novo mostrava a concretização material da sua política. Rejeitando, por um lado, o individualismo e a livre concorrência e, por outro lado, a luta de classes e a coletivização económica, a solução corporativa preconizava uma terceira via, suportada por células orgânicas, desde a família à corporação, que em teoria harmonizariam as relações dos agentes sócio-económicos. Na prática, o papel do Estado enquanto intérprete último e incontestável do interesse nacional levou a políticas de forte intervenção em setores considerados estratégicos, alguns dos quais ligados ao mar.



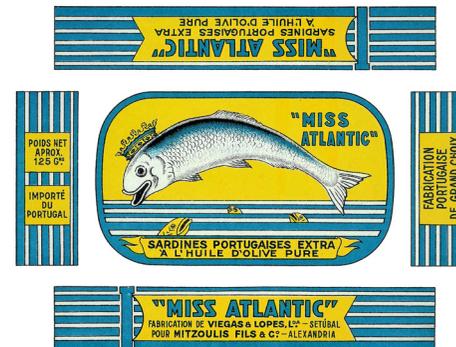
MProjecto da fábrica de conservas Pinhais & C.ª, L.ª

Câmara Municipal de Matosinhos
Arquivo Histórico Municipal

A indústria de conservas colheu os frutos da modernização do arrasto costeiro. Ergueu-se uma estrutura de coordenação económica, centrada desde 1936 no Instituto Português das Conservas de Peixe, de regulação dos fatores produtivos

e de intervenção nos mercados dos bens intermédios e de consumo. Esta solução retirou o setor da crise durante a Segunda Guerra Mundial, pela gestão centralizada das encomendas estrangeiras e pela importância estratégica que este comércio

teve na neutralidade portuguesa. Portugal liderou os mercados internacionais de sardinha em lata nos meados do século XX, mas o modelo não conseguiu estimular a inovação tecnológica, agindo como uma forma de capital garantido, existindo algumas empresas que eram viáveis apenas pelo controlo dos preços de bens usados na produção. Os riscos da opção da especialização da indústria na espécie da sardinha concretizaram-se com o crescimento do consumo de peixe congelado e a quebra das capturas, o que levou à crise do setor no fim dos anos 60.

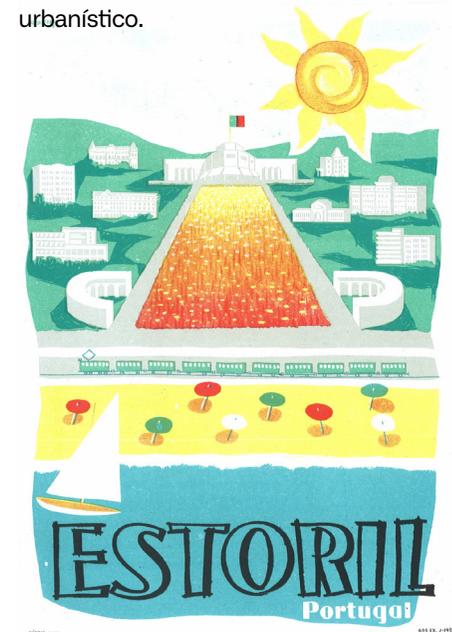


Miss Atlantic

Viegas & Lopes, Lda.
Fac-simile
Sem data
Museu do Trabalho Michel Giacometti

Noutro lado das atividades marítimas, o turismo balnear destacou-se durante a Segunda Guerra Mundial, gerando-se a primeira vaga de turistas estrangeiros, um fenómeno que cresceu nas décadas de 50 e 60. Não obstante, as medidas públicas de apoio direto foram tardias, pelo choque cultural entre a moral fechada que o regime queria conservar

e a mentalidade aberta dos visitantes externos. Apesar da legislação de incentivo dos anos 50, foi com o início da guerra colonial que o turismo passou a ser visto como setor estratégico, pelo potencial de mitigar as crescentes despesas militares. A promoção da ida aos banhos manifestou-se sobretudo através dos órgãos turísticos locais. Além do caso emblemático do Estoril, que cedo ganhou fama internacional, foram-se afirmando centros regionais de estâncias balneares de Norte a Sul do país. Para lá do estímulo à indústria hoteleira, enquadram-se nas iniciativas de apoio ao turismo marítimo o desenvolvimento de infraestruturas, de vias de comunicação e do planeamento urbanístico.



Estoril, Portugal

Fac-simile
1957
Câmara Municipal de Cascais,
Arquivo Histórico Municipal

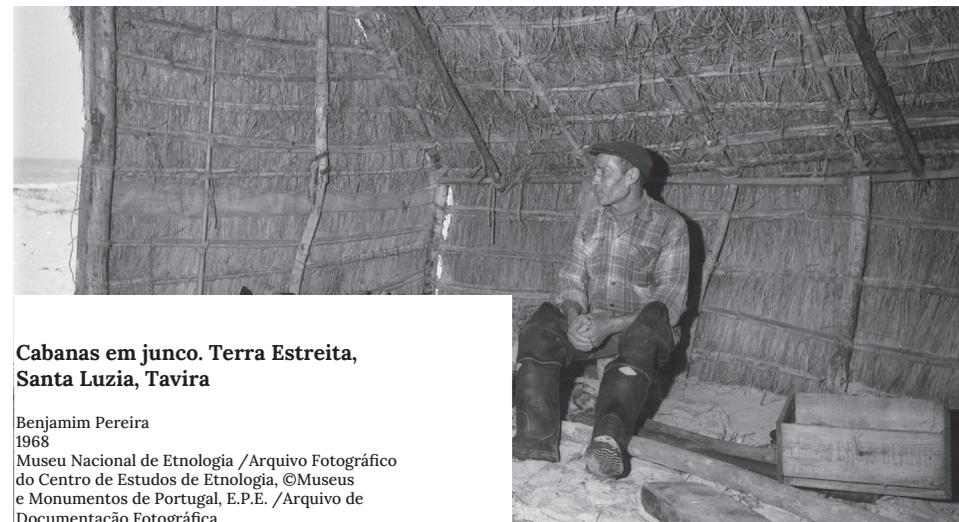
Desconstrução

A longa manutenção do Estado Novo foi alicerçada numa série de aparelhos fulcrais. Invisível mas extremamente eficaz, a censura prévia, que escondia ideias divergentes ou acontecimentos incómodos, controlou a nomeação dos órgãos diretivos dos media e a autorização de novas publicações e criou uma reação de auto-censura mental dos produtores de conteúdos públicos. A limitação das liberdades em prol da ordem e da visão oficial do interesse nacional gerou a repressão policial violenta, a perseguição, a prisão, a tortura e a instrumentalização da justiça. Ao longo do tempo, estas e outras ferramentas acabaram por assumir um carácter dissuasor, por existirem e serem uma ameaça constante, que fomentava o medo e obrigava ao afastamento da política e à submissão cega à hierarquia, elementos do modelo “cívico” do regime.



Embarque nos carros para Lisboa, prisão dos bacalhoeiros em greve, 12 de Maio de 1937

Américo Ribeiro
Reprodução digital feita a partir de negativo original
PT/AFAMR/PT/AFAMR/AMR-AR35
Câmara Municipal de Setúbal, Arquivo Fotográfico Américo,
Coleção Américo Ribeiro



Cabanas em junco. Terra Estreita, Santa Luzia, Tavira

Benjamim Pereira
1968
Museu Nacional de Etnologia / Arquivo Fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia, ©Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. / Arquivo de Documentação Fotográfica

Na área das pescas, é certo que se registou a modernização da frota e a melhoria das condições, sobretudo através do Gil Eannes, navio-hospital da frota bacalhoeira, da construção de navios mais capazes e da dotação de vários dos centros piscatórios com escolas, casas, postos médicos e outros serviços. Por outro lado, os naufrágios eram geralmente reduzidos a curtas comunicações públicas, sem que se pudesse analisar seriamente as suas causas. Em certos momentos, foram assumidos elevados riscos em nome dos marítimos, como ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, quando se continuou a pesca do bacalhau, navegando e operando em zonas de guerra, o que teve consequências dramáticas com os naufrágios do Maria da Glória e do Delães.

A inscrição na Casa dos Pescadores era obrigatória e não garantia a representação legítima dos seus associados, dado que os presidentes – os capitães dos respetivos portos – não eram eleitos.

O sistema de previdência de pensões e abonos de família mostrou-se tardio, insuficiente e não universal, pois só os melhores pescadores das grandes pescas poderiam usufruir dos seus escassos benefícios. Continuou a existir, nas zonas piscatórias esquecidas pela propaganda, condições precárias de saúde, habitação e pobreza, como se evidenciou no pós-25 de Abril.

Os movimentos de contestação dos pescadores foram severamente reprimidos. Na pesca do bacalhau destacou-se a subversão de 1937, depois da declaração unilateral de novas condições de trabalho, que garantiam mão-de-obra regular aos armadores, mas eliminavam o sistema de escolha dos navios. Perante a recusa do embarque de pescadores de vários centros de recrutamento, foi decretada a mobilização obrigatória, aplicada pela força policial, que equiparava a um desertor, passível de ser julgado em conselho de guerra, quem não se submetesse.



ORGANIZAÇÃO



ENTIDADES EMPRESTADORAS



DESIGN



Museu Marítimo de Ílhavo
Avenida Doutor Rocha Madahil
3830-193 Ílhavo
museuilhavo@cm-ilhavo.pt
T 234 329 990

www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt